

<https://doi.org/10.26512/pl.v10i19.35005>

Tradução recebida em: 31/10/2020

Tradução aprovada em: 26/01/2021

Tradução publicada em: 05/05/2021

CES MEMBRES PALPITANTS DE LA PATRIE

Simone Weil

Jade Oliveira Chaia¹

(jade.joc@gmail.com)

Michelly Alves Teixeira²

(michellyteixeira@hotmail.com)

Philippe Lacour³

(unb@philippelacour.net)

RESUMO

O livro *Contre le colonialisme* reúne uma coletânea de artigos escritos entre os anos de 1936 e 1943, em que Simone Weil discute o tema do colonialismo, sobretudo a relação entre a França e as práticas coloniais. Um dos artigos que compõe o rol de textos selecionados é *Ces membres palpitants de la patrie*, publicado originalmente em 1938, no *Vigilance*. Nesse texto, a autora discorre acerca da repressão feita pela Frente Popular à Étoile Nord-Africaine, membro da referida organização. Os ideias emancipatórios defendidos pela organização se contradizem, e as práticas coloniais de discriminação e violência prevalecem. A tradução da presente obra foi realizada pelas integrantes do Grupo de Tradução do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília, coordenado pelo professor doutor Philippe Lacour. O grupo se propõe traduzir regularmente obras de filosofia francesa ainda inéditas em língua portuguesa. O trabalho de tradução é produzido de maneira colaborativa através da plataforma digital *TraduXio* (<https://traduxio.org/>).

Palavras-chave: TraduXio. Filosofia Francesa. Simone Weil. Colonialismo.

BIOGRAFIA

Simone Weil (1909-1943) foi filósofa, escritora, ativista política e humanista. Nasceu em Paris, no seio de família judaica. Formou-se em filosofia pela Université de Sorbonne e se tornou a primeira mulher catedrática da França. Militou fervorosamente pela causa dos trabalhadores fabris e,

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e graduanda em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6256651921407653>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7615-5610>.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Universidade de Brasília (UnB).

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6860370367827142>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0842-8824>.

³ Professor doutor da Universidade de Brasília.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6424210911031934>.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3226-584X>.



posteriormente, lutou na Guerra Civil Espanhola. Faleceu aos trinta e quatro anos por motivos de saúde.⁴

ESSES MEMBROS PALPITANTES DA PÁTRIA⁵

Há algumas semanas, um artigo publicado pela nossa grande imprensa, reclamando, para variar, de Jaurès e querendo esmigalhar com um único golpe todos os argumentos possíveis a favor das reivindicações alemãs, chamou as colônias de “aqueles membros palpitantes da pátria”. Não se pode negar uma singular felicidade a essa expressão, pelo seu grande valor na atualidade. Palpitantes, sim. Sob a fome, as pancadas, as ameaças, as penas de prisão ou deportação; diante do temido aspecto das metralhadoras ou dos bombardeios. Uma população domesticada, desarmada, seria, ao menos, palpitante.

Se as colônias são palpitantes, a pátria quase não palpita com elas. A tragédia do Norte da África continua em meio a uma indiferença quase total. *Le Populaire* ao menos havia publicado uma série tocante de artigos de Magdeleine Paz sobre o Marrocos, enquanto os outros jornais ou não perceberam que há uma crise no Norte da África, ou a viram exclusivamente como uma crise da autoridade francesa.

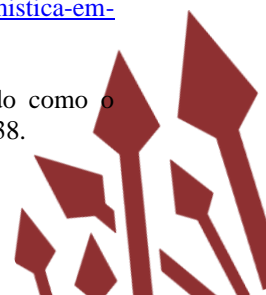
Na verdade, parece que os franceses ficaram muito mais abalados com os acontecimentos da China⁶ do que com os do Norte da África. Sem dúvida, na China, matam-se muito mais pessoas, matam-se até crianças – nessa perspectiva, como irão viver os filhos daqueles que, há pouco, caíram sob as balas francesas no Marrocos? Mas, enfim, quanto ao que está acontecendo na China não há muito que se possa fazer a respeito; e não temos certeza de que uma ação nessa área não incendiaria a Europa e o mundo. Ao contrário, no Norte da África poderíamos ser mais humanos, poderíamos preservar a vida das crianças – porque as crianças não morrem apenas com as bombas lançadas pelos aviões, a fome também as mata – sem correr riscos terríveis. É só uma questão de querer.

Ao ver hoje tantos bons burgueses, de um imperialismo ingênuo, comoverem-se pela China, execrarem os japoneses, perguntamo-nos, apesar de tudo, se as simpatias que a China suscita na França não são da mesma ordem que as sentidas pelos ricos em favor dos “bons pobres”, dos pobres que “sabem seu lugar”. A China, até o momento, foi capaz de permanecer

⁴ Para mais informações, vide texto disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/filosofia-e-mistica-em-simone-weil/>>. Acesso em: 25 de janeiro de 2020.

⁵ *Vigilance*, n. 63, 10 de março de 1938.

⁶ [N.T.] A autora faz aqui referência ao episódio de assassinato e estupros em massa, conhecido como o “Massacre de Nanquim” e/ou o “Estupro de Nanquim”, ocorrido entre o final de 1937 e o início de 1938.



em seu lugar, em seu lugar como um povo inferior, humildemente respeitoso com os brancos. Os japoneses são amarelos, intoleráveis, presunçosos; eles querem civilizar massacrando – querem fazer como os brancos fazem! Quanto aos norte-africanos, alguns deles – meros “líderes”, felizmente – são talvez ainda piores: não querem ser massacrados, ou mesmo oprimidos e humilhados. Pretensão tanto mais exorbitante quanto, pois, no dia em que a França, na pessoa de seu governo ou de um embaixador, tiver sofrido humilhações, ser-lhes-á autorizado a matar e morrer para vingar essa humilhação. De que mais precisam, além de dignidade?

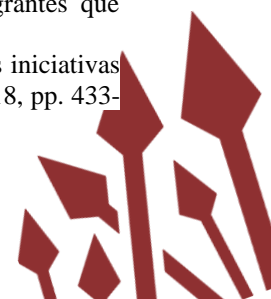
De todos os acontecimentos ocorridos recentemente no Norte da África, talvez o mais característico, embora tenha havido outros mais trágicos, seja a história da Étoile Nord-Africaine.⁷

A Étoile Nord-Africaine, há algum tempo, recebeu as bênçãos do Partido Comunista em grande estilo. Após um dado período, soube conquistar sua independência como organização madura; foi isso que lhe permitiu, nos últimos anos, não se voltar contra as reivindicações vitais dos povos colonizados. É composta exclusivamente por norte-africanos, ou mais precisamente por argelinos, e exclusivamente por trabalhadores, no sentido menos lato do termo: não há entre seus membros qualquer homem branco ou intelectual. Sua influência, embora não seja insignificante na Argélia, é exercida sobretudo na França, onde conseguiu agrupar a grande maioria dos trabalhadores argelinos.⁸

A maioria dos franceses ignora as condições em que viviam e vivem os operários argelinos que aqui trabalham, especialmente antes de junho de 1936. Privados da maioria dos direitos que seus camaradas franceses tinham, sempre susceptíveis de ser brutalmente enviados de volta ao seu país de origem, o qual deixaram pela fome, incumbidos das tarefas mais sujas e esgotantes, miseravelmente pagos, tratados com o mesmo desprezo pelos seus companheiros de trabalho que têm a pele de outra cor; é difícil imaginar humilhação mais completa. A Étoile Nord-Africaine conseguiu dar a esses homens dignidade, um objetivo, uma organização própria, um ideal próprio; esse ideal não só os ligava a todo o mundo

⁷ [N.T.] Organização nacionalista argelina fundada na França, em 1926, por trabalhadores imigrantes que defendiam a independência dos países do Norte da África.

⁸ [N.T.] Cf. OLIVEIRA CHAIA, J.; ALVES TEIXEIRA, M.; LACOUR, P. Quem é o culpado pelas iniciativas antifrancesas? *PÓLEMOS – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília*, v. 9, n. 18, pp. 433-442, 2020. <https://doi.org/10.26512/pl.v9i18.30526>.



mulçumano, como também os ligava muito mais estreitamente a todos os seus irmãos de classe, incluindo aqueles que não respeitavam essa irmandade, tratando-os como inferiores. É graças à Étoile Nord-Africaine que os patrões não viram neles uma massa de jovens à sua mercê. Foi graças a ela, em particular, que participaram da ocupação das fábricas em junho de 1936, garantindo assim a vitória, e não o desastre, em várias fábricas importantes, onde constituíram grande parte do pessoal. A Étoile Nord-Africaine marchou no bloco da frente do desfile apressado no cortejo de 14 de julho de 1936, proporcionando talvez o espetáculo mais pungente nessa jornada tão emotiva. Hoje, os três ou quatro homens cujo trabalho, coragem e inteligência tornaram essa grande conquista possível estão presos em uma prisão francesa e por lá ficarão por mais dois anos.

Evidentemente, a Étoile Nord-Africaine fazia parte do que se chama de nacionalismo norte-africano. Seu sonho longínquo era a constituição progressiva de um Estado da África do Norte, cuja relação com a França poderia ter sido, por exemplo, a de um domínio inglês com a Inglaterra. As suas reivindicações imediatas eram a extensão das liberdades democráticas aos nativos, a supressão do código indigenato, um conjunto de constrangimentos junto aos quais os regimes totalitários aparecem, por comparação, quase liberais, e, na França, a igualdade dos trabalhadores argelinos e franceses. Como todas as organizações que agrupam os oprimidos, por exemplo as organizações do proletariado francês, hesita entre a oposição radical, violenta, e a reformista, inclinando-se a uma ou a outra, dependendo de haver ou não possibilidade de reformas. A Frente Popular deu-lhe a esperança de progresso significativo e pacífico; e ela aderiu a ele com entusiasmo. Quando Viénot concluiu o tratado franco-sírio, sua grande reivindicação foi a elaboração progressiva de um estatuto análogo para o Norte da África. Dirão alguns que esses arranjos pacíficos foram fingidos, que a Étoile Nord-Africaine sonhava apenas com violências? Isso ainda precisaria ser provado. O que é incontestável é que a Étoile não mudou sua política entre o momento em que foi recebida pela Frente Popular, quando participou do desfile de 14 de julho, e o momento em que o governo Blum a dissolveu repentina e brutalmente.

As razões para essa dissolução nunca foram dadas. Nós apenas assumimos este ar de mistério, insinuando: “Ah! Se soubessem o que sabemos!”. Conhecemos esse ar. Bem que serviria aos ingênuos essa impressão. Mas o mais interessante foi o que



se seguiu. Algumas organizações aderentes à Frente Popular aderiram à Étoile, em razão do decreto de dissolução movido contra ela. Considerou-se, portanto, que, embora dissolvida, ainda era membro da Frente Popular, pois foi proposta sua exclusão. O representante da CGT e o representante da CVIA pediram e conseguiram que ela não fosse excluída sem que seu líder, Messali, fosse ouvido. Messali elaborou um dossiê e o comunicou a alguns membros do Comitê da Frente Popular. Contudo, ele não foi convocado oficialmente para ser ouvido, e a questão da exclusão não foi mais levantada. A Étoile Nord-Africaine, embora dissolvida há meses, é ainda membro da Frente Popular!

Messali, tendo diante dos seus olhos o exemplo das ligas fascistas, poderia justamente considerar a dissolução como um convite para reconstituir uma organização semelhante sob outro nome. É verdade que, refletindo, há algo como uma ação judicial contra as ligas fascistas; mas parece singularmente uma inação judicial. Além disso, essa ação, se houver qualquer ação, depende de uma definição das ligas caracterizadas como organizações paramilitares. Essa nunca foi a característica da Étoile, e, que eu saiba, ela nunca foi sequer acusada disso. Caso contrário, teria ela sido admitida na Frente Popular? Contudo, foi por ter reconstituído essa organização, que não é uma liga, que ainda é membro da Frente Popular, que, sob um governo que emanou do mesmo partido, Messali e três dos seus camaradas foram condenados a dois anos de prisão. Apenas por esse delito, porque a acusação de condutas antifrancesas foi rejeitada pelo tribunal, que manteve somente a acusação de reconstituir a liga dissolvida.

Podemos nos permitir perguntar o que devem fazer os homens, os militantes que pertenceram à Étoile Nord-Africaine? Se eles quiserem se juntar, poderemos sempre acusá-los de terem reconstituído a Étoile. Com efeito, trata-se de uma proibição pura e simples de se organizar, sob pena de prisão, que foi imposta sem qualquer explicação. Não foram apenas os quatro militantes que foram condenados, que sofrem o peso da sentença, mas também os muitos milhares de homens infelizes e oprimidos, que tinham apenas a organização e que foram dela privados. Será que acreditamos seriamente que se resignarão a esse estado de coisas e que não irão para o único lado em que aparentemente é permitido organizar-se, isto é, para a direita? Dizem-nos que havia argelinos entre os *encapuzados*⁹. Se não houvesse milhares, milhares e milhares de argelinos, a culpa não seria do nosso governo? E se um dia, como na Espanha, o Norte da África nos enviasse uma onda de nativos armados sob a

⁹ [N.T.] Conhecidos também como os *cagouards*, são integrantes do La Cagoule – Comité Secret d’Action Revolutionnaire –, grupo terrorista de inclinação fascista e anticomunista cujas atividades perduraram entre os anos de 1935 a 1941.



liderança de generais facciosos, não ficaria satisfeita a “justiça iminente” no momento em que figuras tão grandes pereceriam nas mãos de um árabe?

São impostos, evidentemente, contra a Étoile Nord-Africaine, os mesmos rumores de conluio com o fascismo espanhol ou italiano que foram impostos quando quiseram excluí-la da Frente Popular. Mas, a essa altura, Messali os refutou completamente. O que era falso, então, tornou-se verdade agora? Uma vez que se teve o cuidado de colocar Messali e os seus camaradas na prisão, é difícil para eles provar o contrário; quem sabe, aliás, o que pode acontecer a uma organização composta por homens infelizes, geralmente ignorantes, quando é brutalmente privada dos líderes em quem depositou sua confiança?

De resto, essas colusões com o fascismo, se – como creio pela minha parte – não existirem, existirão indubitavelmente se a mesma política se mantiver. Aqueles que defendem essa política triunfarão então por terem visto tão claramente. Não compreenderão que são eles os verdadeiros autores desse conluio, são eles, e falo tanto dos membros do governo responsáveis por essa política como daqueles que os aconselharam.

São eles os culpados pelas medidas antifrancesas no Norte da África, ao tornar a França odiosa neste lugar. Aqueles que, já em março de 1937, achavam quase natural a polícia atirar nos grevistas, já que os grevistas eram simplesmente mineradores da Tunísia, forçados a trabalhar dozes horas, em um ritmo extenuante, por salários ínfimos. Blum, que chorou depois de Clichy, não considerou as dezenove mortes árabes de Mévlaoui¹⁰ dignas das suas lágrimas. Eles que deixaram o general Noguès acabar esse mesmo ano de 1937 em Marrocos com provocações, terror e assassinatos. Eles que fizeram tão pouco para dar mais pão e liberdade aos milhares de milhares de homens que sofrem a fome e a escravidão no Norte da África, para desenvolver a cultura, para reduzir o orçamento, para reformar o código indigenato. Eles que recusam aos norte-africanos que vêm para a França o benefício das alocações familiares para as crianças que ficaram no Norte da África, impelindo-os a viver em privações inumanas, para enviar míseras ordens de pagamento para a casa. Eles que condenaram Messali à privação de direitos civis, no preciso momento em que as eleições regionais lhe deram uma vitória estrondosa no primeiro turno. E esses são apenas alguns fatos citados aleatoriamente.

¹⁰ [N.T.] A autora faz referência aos dezenoves trabalhadores assassinados em uma mina em Mévlaoui, em 1937.



Estão se divertindo de fato aqueles que falam com escândalo, como de um crime, de possível conluio entre os indígenas norte-africanos e o fascismo. E por que então, depois de se envolverem em todo o resto e verem sempre as suas esperanças frustradas, não se envolveriam também com o fascismo antes de se afundarem por completo no desespero? Sem dúvida, sabemos que com o fascismo esses infelizes não ficarão em uma situação melhor. Ao menos eles podem dizer a si mesmos que é improvável que caiam em uma situação pior. Ao ouvir a maioria de nossos camaradas, parece-me que a Frente Popular tem o direito absoluto, o direito divino ao apoio, à lealdade dos oprimidos, incluindo aqueles que lhes desprezam, que lhes espezinham. Ela já não lhes faz isso “esmagando parte de sua honra”? Não somos mais livres ao sermos presos por um governo de esquerda do que em liberdade sob um governo de direita?

Não terminarei dizendo que é escandaloso ver uma tal política ser prosseguida por um governo da Frente Popular. Não. Por que fingir acreditar em uma ficção que sabemos ser verdadeira? Um tal governo, herdeiro do Cartel, se alinha com quem, em 1924-1925, causou a guerra em Marrocos. O que dizer, portanto, do papel dos socialistas? Sem dúvida, sabemos que o Partido Socialista, enquanto partido, se comoveu nestes últimos tempos com o drama norte-africano. Mas o que fizeram seus ministros no poder? Sabemos que Dormoy empurrou a Argélia para Raoul Aubaud, mas este último era apenas um subsecretário de Estado; quem acreditará que o ministro do Interior não tinha o poder de libertar Messali e os seus camaradas? O Norte da África também não estava, sem dúvida, sob a autoridade de Marius Moutet, mas o Gabão foi lá colocado; quem, então, é responsável pela deportação assassina do professor marroquino El Fassi ao Gabão, em um clima que é fatal para um homem doente como ele?

Quando recapitulamos os eventos dos últimos meses no Norte da África, e depois pensamos nas questões candentes da política externa, não poderemos deixar de rir amargamente. São estas infelizes colônias que poderiam provocar uma guerra europeia! Que justo retorno se, por causa destes homens de pele de várias cores que abandonamos tão friamente à sua miséria, cada francês tivesse de estar condenado às não menos atroz misérias do PCDF¹¹! Deixamo-los perecer, e nós vamos perecer para que possamos continuar a deixá-los perecer! E é essa França que muitos gostariam de lançar numa cruzada libertadora pela Espanha ou pela China. Sem dúvida, então, os indochineses, os norte-africanos seriam

¹¹ [N.T.] *Pauvre couillon du front* (os pobres soldados do front), apelido atribuídos aos soldados da infantaria, cuja boa parte era de origem humilde camponesa, durante a Grande Guerra.



admitidos entre os primeiros a morrer pela liberdade dos povos?

286



CES MEMBRES PALPITANTS DE LA PATRIE¹²

Il y a quelques semaines, un article paru dans notre grande presse d'information, se réclamant pour une fois de Jaurès, et voulant écraser d'un coup tous les raisonnements possibles en faveur des revendications allemandes, appelait les colonies « ces membres palpitants de la patrie ». On ne peut refuser à cette expression un singulier bonheur, une grande valeur d'actualité. Palpitants, oui. Sous la faim, les coups, les menaces, les peines d'emprisonnement ou de déportation ; devant l'aspect redoutable des mitrailleuses ou des avions de bombardement. Une population domptée, désarmée serait palpitante à moins.

Si les colonies sont palpitantes, la mère patrie ne palpète guère avec elles. La tragédie de l'Afrique du Nord se poursuit au milieu d'une indifférence presque complète. Le Populaire du moins avait publié, sur le Maroc, une série émouvante d'articles de Magdeleine Paz. Les autres journaux, ou bien ne se sont pas aperçus qu'il y a une crise nord-africaine, ou bien y ont vu exclusivement une crise de l'autorité française.

En vérité, il semble que les Français aient été bien plus remués par les événements de Chine [Simone Weil fait référence au massacre de Nankin où, entre décembre 1937 et février 1938, les troupes japonaises massacrèrent et violèrent plus de 200 000 personnes. (N.d.É.)] que par les événements d'Afrique du Nord. Sans doute en Chine, on tue beaucoup plus de gens, on y tue même des enfants — à ce propos, comment vivront donc les enfants de ceux qui sont tombés récemment sous les balles françaises au Maroc ? Mais enfin, ce qui se passe en Chine, nous n'y pouvons pas grand-chose ; et il n'est pas sûr qu'une action dans ce domaine ne mettrait pas le feu à l'Europe et au monde. Tandis qu'en Afrique du Nord on pourrait être un peu humain, on pourrait préserver des vies d'enfants - car les enfants ne meurent pas seulement sous les bombes d'avions, la faim les tue très bien - sans courir des risques si effroyables. Il suffirait de le vouloir.

En voyant aujourd'hui tant de bons bourgeois, d'un impérialisme naïf, s'émouvoir pour la Chine, exécuter les Japonais, on se demande malgré soi si les sympathies qu'excite en France la Chine ne sont pas du même ordre que celles éprouvées par les riches en faveur des « bons pauvres », des pauvres qui « savent rester à leur place ». La Chine, jusqu'ici, a su rester à sa place, sa place de peuple inférieur, humblement respectueux des Blancs. Les Japonais sont des Jaunes intolérablement présomptueux : ils veulent civiliser en massacrant —

¹² *Vigilance*, n. 63, 10 mars, 1938.



ils veulent faire comme les Blancs ! Quant aux Nord-Africains, quelques-uns d'entre eux — de simples « meneurs », heureusement - sont peut être encore pires : ils ne veulent pas être massacrés, ni même brimés et humiliés. Prétention d'autant plus exorbitante que, le jour où la France, en la personne de son gouvernement ou d'un ambassadeur, aura subi une humiliation, on les autorisera à tuer et à mourir pour venger cette humiliation. Que leur faut-il de plus, en fait de dignité ?

Parmi tous les événements qui se sont passés récemment en Afrique du Nord, le plus caractéristique peut-être, bien qu'il y en ait eu de plus tragiques, est l'histoire de l'Etoile nord-africaine.

L'Etoile nord-africaine fut autrefois tenue sur les fonts de baptême par le Parti communiste premier style. Au bout d'un certain temps, elle a su conquérir son indépendance d'organisation adulte ; c'est ce qui lui a permis, ces dernières années, de ne pas se retourner contre les revendications vitales des peuples colonisés. Elle est composée exclusivement de Nord-Africains, ou plus exactement d'Algériens, et exclusivement de travailleurs, au sens le moins large du terme ; elle ne compte dans ses rangs ni un Blanc, ni un intellectuel. Son influence, sans être insignifiante en Algérie, s'exerce surtout en France, où elle a su grouper la très grande majorité des travailleurs algériens.

La plupart des Français ignorent dans quelles conditions vivent et ont vécu, surtout avant juin 1936, les ouvriers algériens qui travaillent chez nous. Privés de la plupart des droits dont jouissent leurs camarades français, toujours passibles d'un renvoi brutal dans leur pays d'origine qu'ils ont quitté chassés par la faim, voués aux tâches les plus malpropres et les plus épuisantes, misérablement payés, traités avec mépris même par ceux de leurs compagnons de travail qui ont une peau d'autre couleur, il est difficile d'imaginer plus complète humiliation. L'Étoile nordafricaine a su donner à ces hommes une dignité, un but, une organisation à eux, un idéal à eux ; cet idéal ne les rattachait pas seulement à l'ensemble du monde musulman, il les rattachait d'une manière bien plus étroite à l'ensemble de leurs frères de classe, y compris ceux qui méconnaissaient cette fraternité en les traitant en inférieurs. C'est grâce à l'Étoile nord-africaine que les patrons n'ont pas trouvé en eux une masse de jeunes anoeuvrables à merci ; c'est grâce à elle, notamment, qu'ils ont participé à l'occupation des usines en juin 1936, assurant ainsi la victoire, au lieu du désastre, dans un certain nombre d'usines importantes où ils constituaient une large part du personnel. L'Étoile nord-africaine a défilé en rangs pressés dans le cortège du 14 juillet 1936, fournissant le spectacle le plus poignant peut-être dans cette journée si riche en émotions. Aujourd'hui, les trois



ou quatre hommes dont le travail, le courage, l'intelligence ont rendu cette grande chose possible, sont en prison dans une prison française et pour deux ans.

Bien sûr l'Étoile nord-africaine faisait partie de ce qu'on appelle le nationalisme nord-africain. Son rêve lointain était la constitution progressive d'un État de l'Afrique du Nord, dont les rapports avec la France auraient pu être, par exemple, ceux d'un dominion anglais avec l'Angleterre. Ses revendications immédiates étaient l'extension des libertés démocratiques aux indigènes, la suppression du code de l'indigénat, cet ensemble de contraintes à côté de quoi les régimes totalitaires apparaissent, par comparaison, presque libéraux, et, en France, l'égalité des travailleurs algériens et des travailleurs français. Comme toutes les organisations qui groupent des opprimés, par exemple, les organisations du prolétariat français, elle hésitait entre une opposition radicale, violente, et le réformisme, penchant vers l'un ou vers l'autre selon qu'il apparaissait ou non des possibilités de réformes. Le Rassemblement populaire lui donna l'espérance de progrès importants et paisibles ; elle y adhéra avec enthousiasme. Quand Viénot conclut le traité franco-syrien, sa grande revendication fut l'élaboration progressive d'un statut analogue pour l'Afrique du Nord. Certains affirmeront-ils que ces dispositions pacifiques étaient feintes, que l'Étoile nordafricaine ne rêvait que de violences ? Encore faudrait-il le prouver. Ce qui est incontestable, c'est que l'Étoile n'a pas changé de politique entre le moment où elle a été reçue au Rassemblement populaire, où elle a pris part au défilé du 14 juillet, et le moment où soudain, brutalement, le gouvernement Blum l'a dissoute.

On n'a jamais donné les motifs de cette dissolution. On s'est contenté de prendre des airs mystérieux, en insinuant : « Ah ! si vous saviez ce que nous savons ! » Nous connaissons ces airs-là. Bien naïfs ceux sur qui ils feraient impression. Mais le plus intéressant, c'est ce qui a suivi. Quelques organisations adhérant au Rassemblement populaire ont proposé à ce dernier d'exclure l'Étoile en raison du décret de dissolution porté contre elle. On considérait donc, notons-le, que, bien que dissoute, elle était toujours membre du Rassemblement populaire, puisqu'on proposait de l'exclure. Le représentant de la CGT et celui du CVIA [Comité de vigilance des intellectuels antifascistes. (N.J.É.)] demandèrent et obtinrent qu'elle ne fut pas exclue sans que son chef, Messali, fût entendu. Messali constitua un dossier, le communiqua à quelques membres du comité de Rassemblement populaire. Cependant il ne fut pas convoqué officiellement pour être entendu, et la question de l'exclusion ne fut plus posée. L'Étoile nord-africaine, bien que dissoute depuis des mois, est donc toujours membre du Rassemblement populaire !



Messali, ayant sous les yeux l'exemple des ligues fascistes, pouvait à bon droit considérer la dissolution comme une invitation à reconstituer une organisation semblable sous un autre nom. Il est vrai qu'en y réfléchissant bien, il y a quelque chose comme une action judiciaire intentée contre les ligues fascistes ; mais elle ressemble singulièrement à une inaction judiciaire. Au reste, cette action, si action il y a, repose sur une définition des ligues caractérisées comme des organisations paramilitaires. Tel n'a jamais été le caractère de l'Étoile, et, à ma connaissance, on ne l'en a même jamais accusée. S'il en avait été autrement, aurait-elle été admise au Rassemblement populaire ? Cependant c'est pour avoir reconstitué cette organisation qui n'est pas une ligue, qui est toujours membre du Rassemblement populaire, que, sous un gouvernement qui émane du Rassemblement populaire, Messali et trois de ses camarades ont été condamnés à deux ans de prison. Pour ce seul délit ; car l'inculpation de menées antifrançaises a été écartée par le tribunal, qui a retenu seulement celle de reconstitution de ligue dissoute.

290 Peut-on se permettre de demander ce que doivent faire les hommes, les militants qui ont appartenu à l'Étoile nord-africaine ? S'ils veulent se grouper, on pourra toujours les accuser d'avoir reconstitué l'Étoile. C'est à vrai dire une pure et simple interdiction de s'organiser, et sous peine de prison, qui a été portée contre eux sans aucune explication. Ce ne sont pas seulement les quatre militants frappés par la condamnation qui en subissent durement l'atteinte, c'est bien plus encore tant de milliers d'hommes malheureux, opprimés, qui n'avaient à eux que leur organisation, et qui en sont privés. Croit-on sérieusement qu'ils se résigneront à cet état de choses, et qu'ils n'iront pas du seul côté où apparemment il soit permis de s'organiser, c'est-à-dire à droite ? On nous dit qu'il y avait des Algériens parmi les « cagouleurs ». S'il n'y avait pas des milliers, des milliers et des milliers d'Algériens, ce n'est pas la faute de notre gouvernement. Et si un jour comme en Espagne, l'Afrique du Nord déverse chez nous des flots d'indigènes armés sous la conduite de généraux factieux, la « justice immanente » ne serait-elle pas sans doute satisfaite au moment où tels grands personnages périraient de la main d'un Arabe ?

On colporte, bien entendu, contre l'Étoile nord-africaine, les mêmes bruits de collusion avec le fascisme espagnol ou italien qu'on a colportés lorsqu'on voulait l'exclure du Rassemblement populaire ; à ce moment, Messali les a complètement réfutés. Ce qui était faux alors serait-il devenu vrai depuis ? Comme on a pris soin de mettre Messali et ses



camarades en prison, il leur est difficile de prouver le contraire ; qui sait d'ailleurs ce que peut devenir une organisation composée d'hommes malheureux, en général ignorants, quand on la prive brutalement des chefs en qui elle a mis sa confiance ?

Au reste, ces collusions avec le fascisme, si - comme je le crois pour ma part - elles n'existent pas, existeront indubitablement pour peu que la même politique se poursuive. Ceux qui préconisent cette politique triompheront alors d'avoir vu si clair. Ils ne comprendront pas que les vrais auteurs de ces collusions, ce sont eux, et je parle pour les membres du gouvernement responsables de cette politique comme pour ceux qui les ont conseillés.

Ce sont eux qui sont coupables de menées antifrançaises en Afrique du Nord, en achevant d'y rendre la France odieuse. Eux qui, dès mars 1937, trouvaient presque naturel que la police tire sur les grévistes, dès lors que ces grévistes étaient simplement des mineurs indigènes de Tunisie, contraints de travailler douze heures, à un rythme épuisant, pour des salaires infimes ; Blum, qui a pleuré après Clichy, n'a pas jugé les dix-neuf morts arabes de Metlaoui dignes de ses larmes. Eux qui ont laissé le général Noguès terminer cette même année 1937 au Maroc par la provocation, la terreur et les tueries. Eux qui ont fait si peu que rien pour donner aux milliers de milliers d'hommes qui subissent la faim et l'esclavage en Afrique du Nord plus de pain et de liberté, pour aménager la culture, alléger le budget, réformer le code de l'indigénat. Eux qui refusent aux Nord-Africains venus en France le bénéfice des allocations familiales pour les enfants demeurés en Afrique du Nord, les contraignant à des privations inhumaines pour envoyer de maigres mandats. Eux qui ont condamné Messali à la privation des droits civiques, au moment même où les élections cantonales lui donnaient une victoire éclatante dès le premier tour. Et ce ne sont là que quelques faits cités au hasard.

Ils sont plaisants vraiment, ceux qui parlent avec scandale, et comme d'un crime, de collusions possibles entre les indigènes nord-africains et le fascisme. Et pourquoi donc, ayant tâté de tout le reste et toujours vu leurs espoirs déçus, ne tâteraient-ils pas aussi du fascisme avant de sombrer dans un complet désespoir ? Sans doute savons-nous bien qu'avec le fascisme les malheureux ne tomberont pas mieux. Du moins peuvent-ils se dire qu'ils ne risquent guère de tomber plus mal. On croirait vraiment, à entendre la plupart de nos camarades, que le Front populaire possède un droit absolu, un droit divin au soutien, à la fidélité des opprimés, y compris ceux qu'il foule aux pieds. Ne leur fait-il pas « en les croquant, beaucoup d'honneur » ? N'est-on pas plus libre, mis en prison par un gouvernement de gauche, qu'en liberté sous un gouvernement de droite ?



Je ne terminerai pas en disant qu'il est scandaleux de voir une telle politique menée par un gouvernement de Front populaire. Non. Pourquoi feindre de croire à une fiction qu'on connaît pour telle ? Un pareil gouvernement, héritier du Cartel, est bien dans la ligne de celui qui, en 1924-1925, fit la guerre au Maroc. Que dire pourtant du rôle des socialistes ? Sans doute, le parti socialiste, en tant que parti, s'est-il ému ces derniers temps du drame nord-africain. Mais qu'ont fait ses ministres au pouvoir ? On sait que Dormoy s'est déchargé de l'Algérie sur Raoul Aubaud, mais celui-ci n'était qu'un sous-secrétaire d'État ; qui croira que le ministre de l'intérieur n'avait pas le pouvoir de faire mettre Messali et ses camarades en liberté ? Sans doute aussi l'Afrique du Nord ne se trouvait-elle pas placée sous l'autorité de Marius Moutet ; mais le Gabon s'y trouvait placé ; qui, dès lors, est responsable de la déportation meurtrière du professeur marocain El Fassi au Gabon, dans un climat fatal pour un malade comme lui ?

Quand on récapitule les événements de ces derniers mois en Afrique du Nord, et qu'on songe ensuite aux problèmes brûlants de la politique extérieure, on ne peut que rire amèrement. Ce sont ces colonies infortunées qui pourraient nous valoir une guerre européenne ! Quel juste retour si, à cause de ces hommes de peau diversement colorée que nous abandonnons si froidement à leur misère, chaque Français devait être voué aux misères non moins atroces du PCDF [CDF : « pauvres couillons du front », désigne, par métonymie, le front, et ici la guerre. (N.d.É.)] ! Nous les laissons périr, et nous périrons pour pouvoir continuer à les laisser périr ! Et c'est cette France que beaucoup voudraient lancer dans une croisade libératrice pour l'Espagne ou pour la Chine. Sans doute alors les Indochinois, les Nord-Africains seraient-ils admis parmi les premiers à l'honneur de mourir pour la liberté des peuples ?

